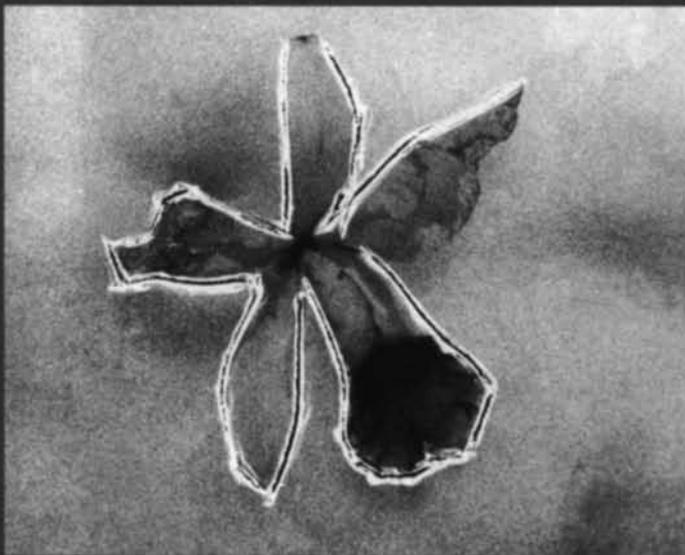


Concreto e Infinito

Aos 75 anos, Geraldo de Barros retoma a obra fotográfica que interrompeu em 1950 – e volta a ser original quando se imaginavam esgotadas todas as originalidades. Por Flávia Rocha*

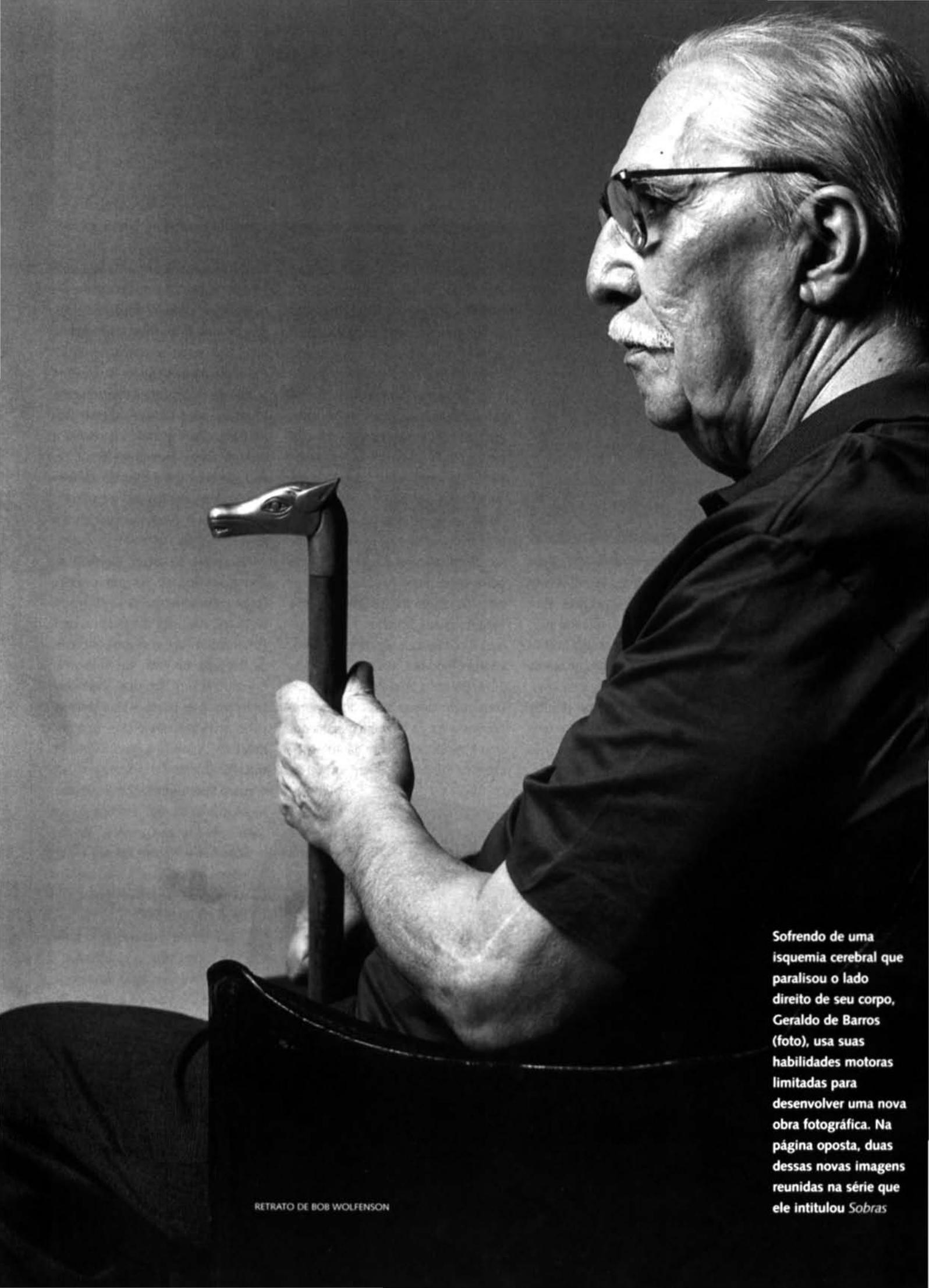


O ideal concretista, que teve seu clímax nos anos 50, deixou marcas profundas nas artes plásticas brasileiras. A arte concreta, tal como foi concebida, esgueira-se sobre os anos 90 com sua forma resoluta, em signos e cores, em cartazes e roupas, em móveis e objetos, adaptando-se, regenerando-se, renovando-se. Seu sucesso se deve a muitos nomes, sem dúvida; deve-se, entre eles, a Geraldo de Barros, que atingia a maturidade artística no momento exato da glória concretista, ali, nos primeiros estudos e experimentos, nas primeiras obras. Geraldo de Barros integra o movimento concretista que, no Brasil, é impulsionado pelo entusiasmo que deflagra do governo Juscelino Kubitschek, governo que é contemporâneo da primeira Bienal Internacional de Arte, em São Paulo, em 1951. (Bienal, aliás, em que o artista recebeu o Prêmio Aquisição, o mesmo que receberia na Bienal de 1953, pela segunda vez.)

Hoje, as obras de Geraldo de Barros são crescentemente valo-

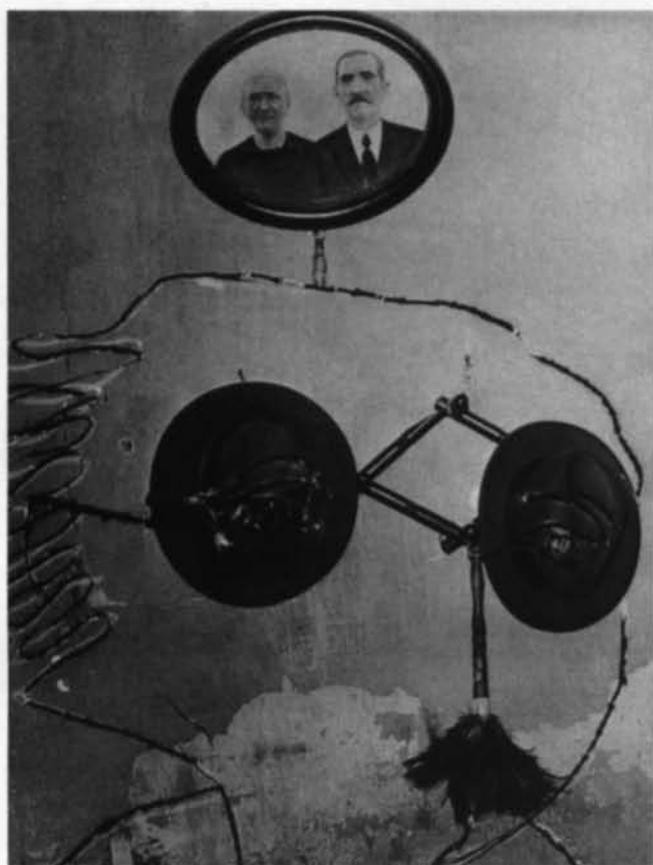
Colaborou Daniela Rocha





RETRATO DE BOB WOLFENSON

Sofrendo de uma isquemia cerebral que paralisou o lado direito de seu corpo, Geraldo de Barros (foto), usa suas habilidades motoras limitadas para desenvolver uma nova obra fotográfica. Na página oposta, duas dessas novas imagens reunidas na série que ele intitulou *Sobras*



Na década de 40, Geraldo de Barros fazia suas primeiras experiências com a câmera e com a manipulação de negativos. Sua principal preocupação era com a forma, usando recursos como a geometria e a composição para distanciar a fotografia da arte figurativa e aproximá-la da abstrata. O artista foi um dos primeiros no Brasil a usar técnicas de recorte, sobreposição, solarização e desenho, entre outras, para obter resultados plásticos na fotografia. Acima, *Homenagem a Stravinsky* e à direita, *A Menina do Sapato*, ambos de 1949

rizadas na Europa, onde ele figura como um dos principais expoentes da história da arte concreta. Este ano, sua obra vem circulando pelo mundo. A mostra *Traces of Glass* ficou de 26 de fevereiro a 31 de março na Sicardi-Sanders Gallery e na Foto-fest, em Houston, Estados Unidos. Para julho, está programada uma mostra itinerante que passará pelo Kunstmuseum de Wolfsburg, na Alemanha, e pelo Reina Sophia de Madrid. Para 1999, o Musée de l'Elysée, de Lausanne, França, com o Ludwig Museum, de Colônia, Alemanha, preparam uma das mais completas exposições das obras de Geraldo de Barros, com trabalhos antigos e recentes.

Geraldo de Barros é desses artistas que se vêem tomados pelo espírito de uma época. Já nos anos 40, recém-chegado do interior a São Paulo, antes de tomar contato com o trabalho vanguardista que se fazia no exterior — como o de Man Ray, com quem é freqüentemente comparado —, Geraldo de Barros praticava suas primeiras

experiências com a fotografia abstrata. Sua preocupação básica era com a forma: retocava e rabiscava sobre negativos, montando imagens que fugiam do figurativismo acadêmico vigente no Brasil. Em 1950, uma exposição de suas fotografias no Museu de Arte de São Paulo, intitulada *Fotoformas*, que reuniu trabalhos feitos desde 1946, teve um impacto favorável perante a melhor crítica.

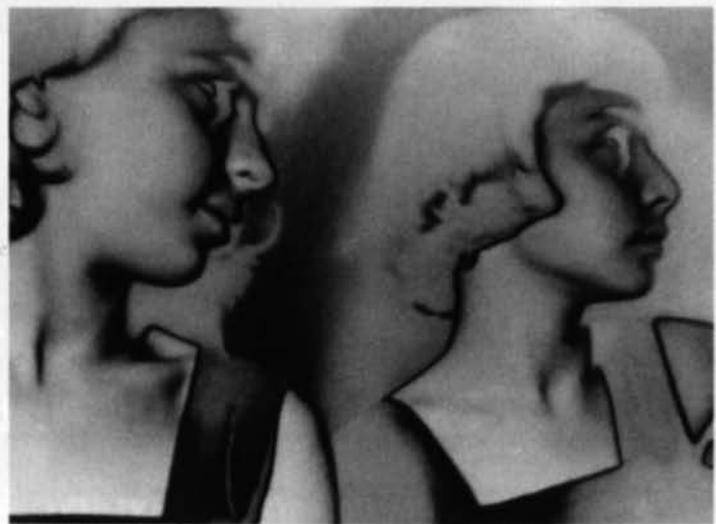
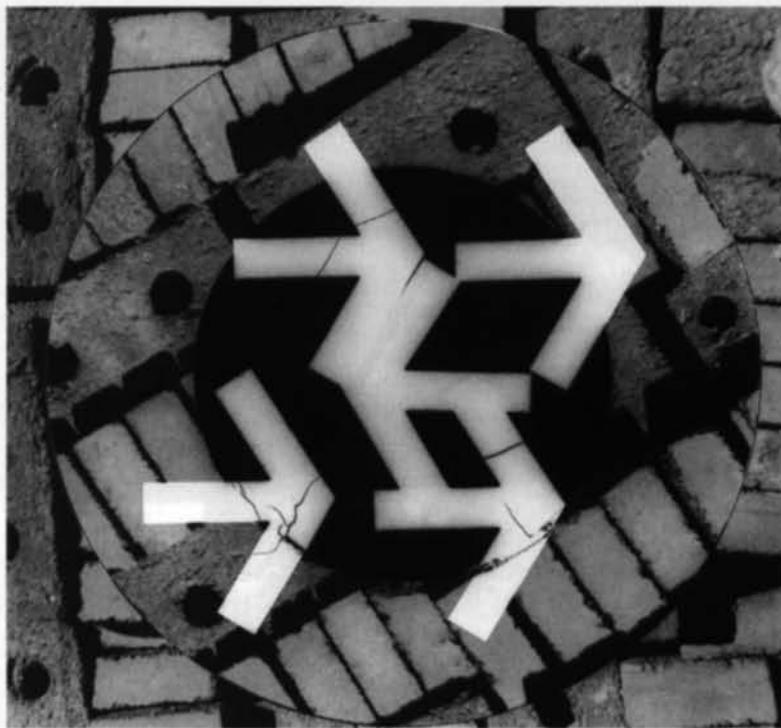
Certo de que completava, com as *Fotoformas*, suas incursões na fotografia, Geraldo de Barros voltou-se para a pintura, nos anos 50. A exposição no Masp lhe rendeu uma bolsa de estudos na Europa. Assis Chateaubriand pagou a passagem (depois que Geraldo de Barros gentilmente recusara sua oferta de uma bolsa de estudos nos Estados Unidos). Em Paris, Barros estudou gravura na Escola Superior de Belas Artes e conheceu Cartier-Bresson, Giorgio Morandi, Brassai, Vieira da Silva, François Morellet e Otl Aicher, com quem tomou aulas de gravura. Foi nessa época também que encontrou Max Bill, expoente da arte concreta na Europa, de quem tornou-se

amigo. Em 1950, Max Bill havia exposto no Masp e se tornou uma influência poderosa entre artistas e intelectuais brasileiros. Bill viria a conseguir uma bolsa para o amigo brasileiro na Escola Superior de Desenho Industrial, em Ulm, que concentrava os grandes nomes das artes e da cultura ligados ao movimento concreto, uma espécie de continuação da famosa escola modernista Bauhaus. A Escola de Ulm recebeu muitos brasileiros em seus cursos, mas Geraldo de Barros, que tinha compromissos profissionais e família no Brasil, cedeu sua bolsa para o amigo Alexandre Wollner, desde que este se comprometesse a lhe enviar por carta o resumo de todas as aulas.

Ao voltar ao Brasil, Geraldo de Barros participaria de uma seqüência de momentos que determinariam o cenário das artes plásticas no país. Fundou, em 1952, o grupo concretista Ruptura, ao lado de Waldemar Cordeiro e Luís Sacilotto, entre outros. Em 1954, passa a se interessar pelas artes gráficas e pelo desenho industrial, criando a comunidade de trabalho Unilabor e, posteriormente, o grupo Formiform (1957) e a Objeto Indústria de Móveis (1964). Em 1966, uniu-se aos artistas Wesley Duke Lee e Nelson Leirner e fundou o grupo Rex Time, um dos principais representantes da pop art no Brasil.

Até bem pouco tempo, o artista mantinha a palavra de não mais voltar à fotografia. Hoje, aos 75 anos de idade, sofrendo de uma isquemia cerebral que paralisou o lado direito de seu corpo e o impossibilita de andar, falar, desenhar ou escrever, Geraldo de Barros usa suas habilidades motoras limitadas para desenvolver uma nova obra fotográfica, feita com sobras de negativos e positivos, recortados e colados em uma placa de vi-





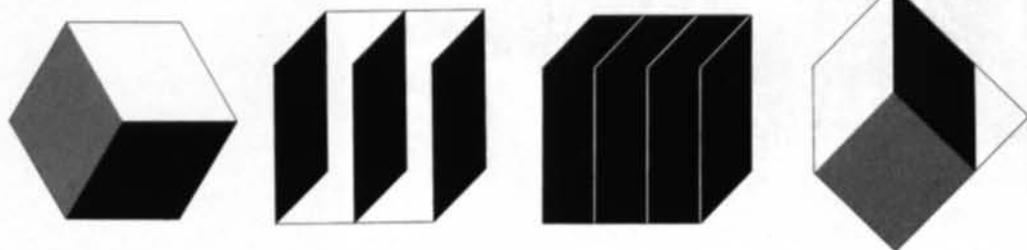
dro, que serão posteriormente impressos com o uso de um scanner especial, que possibilita a reprodução do negativo e do positivo simultaneamente (o scanner, que tem tecnologia japonesa, entrará no mercado no segundo semestre deste ano). As *Sobras*, título desses novos trabalhos, são formadas também com partes "recortadas" da memória fotográfica da família e de amigos. A idéia de voltar a trabalhar foi um impulso renovador na vida de Geraldo de Barros, e se fez coerentemente, em decorrência de sua eterna inclinação — e inquietação — pela pesquisa de padrões estéticos diferenciados. Sua filha Lenora de Barros conta uma antiga história de família para demonstrar o grau de envolvimento do artista com as questões da forma: "Quando papai tinha quatro ou cinco anos, ele vivia desenhando, com o dedo indicador, figuras invisíveis no ar. Quando a minha avó perguntava o que estava fazendo, ele respondia: 'Estou fazendo casas!'".

Desta vez, o que motivou o artista foi a ótima receptividade que suas obras tiveram na Europa na Bienal de Veneza de 1986. Na ocasião, uma galeria suíça o convidou para montar uma exposição com seus quadros feitos em fórmica, uma tendência que Geraldo de Barros vinha desen-

volvendo desde os anos 70, mergulhado que estava na "confeção" de obras passíveis de reprodução e cópia. O caráter social do concretismo, que refutava o valor de obra única, aliado à Teoria da Gestalt (teoria da forma), apresentada ao artista por Mário Pedrosa, intelectual comprometido com os rumos do movimento concretista no Brasil, ficariam para

roupa, com suas obras passando por cidades como Milão, Zurique, Genebra e Lausanne. Atualmente, sua filha Fabiana de Barros, também artista plástica, faz um trabalho de recuperação dos negativos originais no Musée de l'Elysée (que tem uma coleção com cerca de 300 fotografias do artista, incluindo as obras recentes), e na Fundação Suíça para a

Três fases fundamentais na obra do artista. As duas fotos acima são da série *Fotoformas* (1950), sua fase concretista na fotografia. No centro, as telas concretas em fórmica (1987), obras passíveis



sempre inculcados no espírito criador de Geraldo de Barros. Daí ele herdou também o interesse pelo desenho industrial e, seguindo o curso natural dos fatos, desembocou nas trincheiras da pop art. Com a série em fórmica, o artista retomou sua leitura concretista da arte e a levou às últimas conseqüências, unindo o poder socializante do desenho industrial e da pop art, num trabalho milimetricamente equilibrado.

A exposição suíça aconteceu em 1987 em Glaurus, próximo a Zurique. A partir daí, Geraldo de Barros tornou-se um nome especial na Eu-

Restauração e a Conservação do Patrimônio Fotográfico — Laboratório La Chambre Claire. Segundo o diretor do Musée de l'Elysée, William Ewing, Geraldo de Barros foi precursor de um trabalho experimental único, com negativos, nos anos 30 e 40. Quanto aos trabalhos recentes, ele diz: "Neste momento ele prepara algo muito interessante e muito novo". Geraldo de Barros parece expirar atualidade em todos os tempos. □

de reprodução e cópia. Abaixo, o cartaz *Fantasia Agressiva II*, de 1964, quando Geraldo de Barros se volta para a pop art

